



O conego José Manoel de Souza, Abbade de Gemezes, e um dos capellães militares da Archidiocese de Braga, que muito se notabilizou na guerra europeia.

(Cliché do phot. sr. A. Soucasaux).

PROPRIETARIO

*Joaquim Antonio Pereira Villela.*

DIR<sup>CT</sup>OR

*Dr. Francisco de Sousa Gomes Velloso.*

ADMINISTRADOR E EDITOR

*Clemente de Campos A. Peixoto.*

### Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia  
83, R. dos Martyres da Republica, 91

BRAGA

### CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGAMENTO ADEANTADO)

*Portugal e colonias* — Um anno, 4\$800  
Semestre, 2\$400. Trimestre, 1\$200 rs.

A cobrança feita pelo correio ou pelo entregador, accresce o impor. e das despesas.

*Extrangeiro* — Um anno, 5\$400.

Numero avulso, 100 rs.



# ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

—○○—

Proprietario Joaquim A. Pereira Villela. Director Dr. F. de Souza Gomes Velloso

EDITOR E ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Peixoto

Braga, 29 de Março de 1919

Redacção, Administração e Typographia  
83, R. dos Martyres da Republica, 91  
Não se restituem os originaes

Numero 295—Anno VI



Jesus Christo para o Calvario



**F**or, lá isso foi, um successo de hilaridade o aparecimento do ultimo ministerio—esse que ahí está, numerado não sei já quantos na galeria variegadissima onde defrontam a historia todos os ministerios do paiz...

Claro que eu esperava vêr o sr. Cunha Leal ministro como vi nomeado lente o sr. Campos Lima. Seja dito que entre o sr. Cunha Leal e o sr. Campos Lima ha um ponto de fundamental divergencia e outro de contacto. O primeiro é que o lente Campos Lima já foi reprovado n'um simples exame para bibliothecario, e o sr. Cunha Leal nunca foi reprovado em exame algum, porque tirou sempre as mais altas classificações do seu curso. O ponto de contacto é que um e outro aspirariam n'este recanto europeu ao fastigio sangrento de Lenine, o dictador de Moscow que janta e almoça todos os dias 20.000 rublos. O czar, como os senhores veem, era um dissipador, e o povo, com bolchevismo ou sem elle, é a eterna cavalgada dos que sobem pelo direito hereditario, pelo crime ou pela força...

Mas ia eu dizendo que o ministerio causou hilaridade. Nós vimos todos d'uma grande catastrophe de ha tres mezes apenas.

Um povo que pode rir no dia seguinte a uma catastrophe, e rir por causa do seu governo — uma entidade que no geral o faz chorar — é, positivamente um povo felicissimo. Este ministerio está destinado a ser um galhofeiro *intermezzo* em plena tragédia. Que corte para a celebridade dos homens que o compõem! E' muito mais facil fazer rir, do que portar-se sério, não é verdade? Parabens ao governo e ao sr. Silva Antunes que está revelando realmente, um dêdo rarissimo, na escolha dos seus socios. Parabens ao governo e parabens a nós todos, como costuma dizer-se nas revistas d'anno. Emudeçam as boccas que descobriram agora a vida inteira do sr. Coimbra. Ainda podia ser peor. Ha muita gente, mesmo muita, que não pode penetrar na prosa do sr. Leonardo, e muito menos no seu pensar, mas ha tambem, se bem que em minoria, pessoas que não percebendo patavina do que o sr. Coimbra quer, lhe chamam o maior philosopho da raça. Nem mais nem menos: da raça. Eu pertenco aos primeiros, e devo confessar-me gratissimo ao sr. ministro da instrucção porque foi precisamente um seu artigo intitulado *Arvores mortas*, publicado na «Águia», o meu excellente chá de dormideiras em Coimbra durante annos, quando o somno escasseava. Emprestava para os effeitos o Codigo de processo civil ao Antonio Poças então estudante de mathematica, e reservava para mim o artigo do sr. ministro Leonardo.

O governo que me desculpe, mas isto é a rigorosa expressão da verdade, tão verdadeiro como o sr. Leonardo Coimbra ter inventado, não a polvora, mas o *cracionismo* que é muito menos mortifero. O governo que me desculpe.

E porque não ha-de desculpar-me o governo? Em primeiro lugar eu não tenho nenhuma inveja de ser ministro. Em segundo lugar, eu, anotando aqui o

exito da formação do ministerio, estou garantindo a posteridade a todos os ministros menos um, o sr. dr. Granjo, que a tem garantida desde que combateu em Chaves contra os couceiristas, e em terceiro lugar, eu não tenho cargo publico algum de que possa ser separado ou afastado. O unico vinculo que me prende é do matrimonio, mas, tenha o governo paciencia, eu sou um adversario do divorcio, e estas coisas conjugaes ainda são, felizmente, insujeitas a leis, decretos e ordens de varias qualidades em que aliaz o governo deve ser mais que pródigo das suas promessas feitas nos discursos das tomadas de posse dos respectivos altos cargos.

Assim é que o sr. dr. Ramada Curto que eu conheci muito bem a dirigir a *Revolta* em Coimbra, resumiu a sua obra de financeiro (os srs. estão a vêr as capacidades do sr. Ramada Curto como financialista!) em *fazer obra republicana e... em augmentar algumas contribuições creando outras novas.*

Nada mais é preciso para tornar celebre um homem. Nada mais. E o mais curioso é que o sr. Ramada Curto escapará ás contribuições que vae agravar e crear, porque o sr. Ramada Curto pensará muito razoavelmente que as contribuições são como a sorte grande: sahem sempre aos outros, e d'esta sorte é assaz commoda a fama d'um ministro, sobretudo das finanças, tratando os haveres alheios como *bens dos inimigos*. Já por ahí se prepara um novo filão aos exactores do alheio, com uma lei de confisco que vae dar *minas do Brazil* ás multidões muito desejosas que surgem nos pateos de leilões, quando lá é apre-goada... caça grossa e apetecivel. As inscrições, com o *opport* de tanta dinheirama devem subir de repente e vertiginosamente, e o ditoso burguez deve ir aparar os callos, como diz Junqueiro n'um verso picaresco do *Crime*, que elle com certeza já hoje não faria porque reconhece que só pôde agora viver do que escreveu, e do *bric-à-brac*. Ainda hontem no theatro me disse um amigo tê-lo visto ha dias alli no Passeio das Cardosas com um velho alfarrabio de baixo do braço e uma gaiola na mão.

Os senhores recordam-se do duello poetico entre Junqueiro e João Penha no *Homem do Gaz*:

*Junqueiro que vens do junco  
Tu que és passaro bisnú...*

Já por ahí lh'o chamam, quando o seu nome surge nas gazetas apontado como um dos pontifices da republica numero cinco, o que sempre se verifica quando o seu genro, sr. dr. Mesquita de Carvalho quer logares. Então Junqueiro, com a mesma ancia com que rebusca um ferro-velho para arrecadar uma moldura, é capaz de forjar a coisa mais estupenda e metter dentro d'ella o marido de sua filha, porque para nada mais forja elle a tal estupenda coisa: — foi o que aconteceu com a união sagrada, em cantaro de bocadinhos collados com o *colla tudo* Junqueiro, — um especifico!

F. V.





DE FREY GIL DA SOLEDADE,  
BORESSO DA FALPERRA.

LXX

## Divisas d'outros tempos.



OLHEANDO casualmente o *Almanach Bertrand* para 1912, encontrei (a pag. 159, uma pequena collecção de divisas de outros tempos. Terminava aquella pagina com este pensamento de Madame de Genlis:

«*Eu quizera que o uso de adoptar divisas fosse universal. Cada pessoa, pela sua divisa, revela um pequeno segredo, ou toma uma especie de compromisso.*»

Haverá decerto leitores que nem sabem o que são propriamente as divisas a que nos estamos referindo. Porque taes divisas passaram de moda — e foi pena! — e hoje, divisas, só se conhecem as dos militares. Vamos, pois, carissimos leitores, amenizar algus serões falando das divisas de outros tempos, d'aquellas divisas que tantas vezes foram programma de acções nobres e heroicas... ao passo que a ambição ou conservação das divisas de hoje não raro é inspiradora de cobardias e infamias. Descarreguemos o estylo, recordando, antes de entrar na evocação das divisas antigas, a resposta d'aquelle official que em pleno campo de batalha, encontrou defraz de um penedo, a quem lhe perguntava se era ali onde se ganhavam as divisas respondeu: *Aqui é onde ellas se não perdem!*

Muitos auctores trataram das divisas, por esses seculos fora; o leitor pode vêr citados alguns pelo nosso Antonio de Villas Boas e Sampaio, na *Nobiliarchia Portugueza*, cap. XXII: *Da origem e principio*, que tiveram as insignias, e *Armas do Mundo*. — Mas como o fim d'estes serões é colher apenas a flôr da amenidade, deixemos as obras dos Cassaneus, Mexias, Garivays e Tiporcios, para só nos delectarmos com o breve estudo de Augusto Dumonchau, no *Journal des Demoiselles*, de 1845. A esse acrescentamos algumas divisas, nacionaes e estrangeiras, tiradas do *Almanach de Bertrand*, do citado Villas Boas e de outros repostiarios. As traducções que damos são em beneficio dos seroeiros que porventura não saibam as linguas dos originaes.

Escrevia Dumonchau:

«No tempo da cavallaria, cada nação, cada grande feudo, cada familia poderosa era reconhecida no tumulto dos combates por um grito particular, chamado *Grito d'armas*. Os primogenitos da casa de França gritavam: *Montpoie, Saint Denis!* Os Montmorency: *Dieu aide premier baron chrétien!* (1) Os Chauvigny: *Chevaliers pleuvent!* (Chovem cavalleiros!) Os senhores de Culant: *Nôtre-Dame au peigne d'or!* (Nossa Senhora do pente d'oiro!) etc. Não tardou que muitas familias acrescentassem aos seus brazões este signal de reunião; traçavam-no sobre um rôlo em volta do brazão arvoraram-no como cimeira, do morrião ou por baixo do escudo. Muitas vezes acrescentou-se-lhe tambem um *corpo*, isto é, uma figura ou imagem, de que a legenda era a *alma*.

«Tal é a origem da divisa que se espalhou e aperfeiçoou rapidamente, brilhando no meio de todas as festas da cavallaria.

«Algumas vezes era a divisa que explicava o emblema d'armas, ou então traduzia um nome, ou, ainda exprimia um pensamento por meio d'um enigma figurado, por uma allusão mais ou menos delicada. Um de Vergy, que possuía as terras de Vahe, Vaux e Vandray, tomou por divisa: *Jai valu, Vaux et Vandray*, (dupla significação: *Possuo Vahe, Vaux e Vandray e Vali, valho e valerei!*) Os Quélem, cujo nome baixo-breton significa azevinho, adoptaram estas palavras da velha lingua armoricana: *Emper emser quelen*: (o azevinho está sempre verde).

Margarida de Provença, a virtuosa companheira de S. Luiz, tinha por emblema uma rainha Margarida e estas palavras: *Reine de la terre, servante de la reine du ciel*: Rainha da terra, serva da rainha do ceu). A inquieta e guerrei-

ra familia dos Guise arvorava A's dentro de O's, o que se traduzia assim:

*Chacun A son tour*: «cada um por sua vez» e tambem *Cada A, sua roda*, pois *tour* significa *volta, roda e vez, turno*. E sabe-se que sem o assassinio com que Henrique III se manchou nos estados de Blois, aquelles principes ambiciosos teriam subido *por seu turno* ao throno de França.

«Muitas divisas ostentavam um orgulhoso desafio, uma declaração franca e brusca de hostilidades contra o primeiro que apparecesse. Eram como ameaças altivas que o heroismo e a audacia justificavam. Numas cavalhadas, certo senhor, joven tão ambicioso como valente, appareceu tendo por divisa um foguete no ar, com estas palavras: *Je veux bien durer peu, pouvz que je m'élève*: pouco se me dá de durar pouco, com tanto que me eleve!

«Desde o seculo XII traziam os senhores de Créqui no seu escudo um arbusto espinhoso, e por baixo: *Que nul ne s'y froite!* «ninguem se chegue! Os principes d'Orange — Massau, que lograram o poder de perseverança, a sentar-se nos thronos de Hollanda e Inglaterra, haviam adoptado a divisa: *Je maintiendrai*: «Manterei, e ainda hoje a conservam, embora acontecimentos recentes hajam comprometido um pouco a sua exactidão, pois o rei dos Paizes Baixos não soube *manter* a Belgica (que se tornou independente em 1830). Eis aqui uma divisa não menos orgulhosa:

*Je ne suis roy, ne duc, prince, ne conte aussi,  
Je suis le sire de Coucy.*

«Não sou rei, nem duque, nem principe, nem tampouco conde: Sou o senhor de Coucy». Foi a divisa que transmitiu aos seus descendentes o celebre Enguerrand III de Coucy, um dos mais poderosos barões de Philippe Augusto, de Luiz VIII e de S. Luiz.

«A divisa dos Bourbons parecia apresentar um augurio da sua alta fortuna. Era uma palavra por cima d'uma espada: *Penetrabit*: «entrará».

«Poucas divisas ha que se prestem a applicações mais bellas e variadas que a da casa de Borgonha, que tão alto subiu e tão depressa desceu: *J'ai hâte!* «tenho pressa!» ou *Moult me tarde!* «Muito me tarda!». João, um dos duques, adoptara-a, segundo se diz, num momento de despeito contra o mau tempo que detinha presa no porto a sua esquadra, pronta a fazer-se ao mar para operar um desembarque em Inglaterra.

«Muito acertada escolha foi tambem a da rainha Branca de Castella, mãe de Luiz IX, uma flor de liz natural, sobre um campo de lirios heraldicos e acompanhada d'estas palavras da Sagrada Escripтура: *Um lirio entre lirios*. Gosto muito tambem do vago da legenda dos senhores de Brimeu: *Quando será?* e a excitação cavalleiresca do *Vas outre!* «Vae mais alem!» de Villiers de l'Isle Adam, o famoso grão-mestre de Malta.

«Não conheço, porém, divisa mais mesquinha e indigna d'um homem de coração do que esta:

*A l'impossible nul n'est tenu*: «Ao impossivel ninguem é obrigado. Encontra-se sobrescrita a um camello que succumbe ao fardo. Pertencia ao infame João de Ligny, que, seduzido pelo oiro inglez, comprou Joanna d'Arc para a entregar aos seus inimigos. Não se diria que mandando pintar esta divisa nas suas armas Ligny sentira bem a sua baixeza?

(Continua.)

# A CRUZ

Conto de Paulo Acker.

(Conclusão)

F OI a tremer da cabeça até aos pés, que esta penetrou no ultimo asylo do seu rei. O terreno da sepultura, ao longo do muro, occupava cêrca de meia geira; a terra estava pisada, mas humida porque chovera; nenhuma cruz alli se erguia. A emoção, n'um momento, fechou os olhos da jovem que levou a mão ao coração; depois, persignou-se... ia a ajoelhar-se...

— Veja lá, disse o coveiro de repente em voz baixa. Olhe que ahi está um jacobino.

Anna-Maria ao voltar-se, reconheceu o homem que a seguira até á igreja; fumava cachimbo. Ella ainda teve energia para não mostrar terror; dominando as lagrimas, compôz um rosto de simples curiosidade, e receando que um movimento involuntario revelasse o que frazia escondido, fechou mais estreitamente, com um gesto natural, as dobras do chale. O jacobino porém, não se deu por logrado; farejára uma aristocrata, mas não querendo que se pudesse adivinhar quem elle era e levantar suspeitas e perder a caça, interrogou com prazenteirice um tanto sorna, o coveiro.

— Então já por ahi appareceu alguém a visitar a campa de Luiz Capêto?

— Não, respondeu o coveiro, tu e a cidadã sois os primeiros.

— Como foi elle enterrado?... Estavas cá, não é assim? Gostava de saber como isso se passou.

E curvando-se para a menina Thielle accrescentou:

— E tu cidadã?

— Oh! eu tambem, respondeu ella esforçando-se por tomar um tom despreocupado.

— O corpo, explicou o coveiro, chegou na tarde de domingo, acompanhado pelo cidadão

Renard, vigario da Magdalena, e outro padre. Havia tambem deputados e guardas nacionais. Eu ainda estava a cavar a campa, dentro da cova, e vim logo cá para fóra. As cornetas de cavallaria tocavam a cantiga do *Marlborough*, quando se foram, tocaram o *ça ira*...

O jacobino andava

para cá e para lá, em largas passadas.

— Bem bom... disse. Não é musica triste para um Capêto, não ha duvida. Aposto em como esta cova não tem seis pés de comprimento.

— Tem sim senhor, repelicou o coveiro. Nove de comprimento por tres de largo... O caixão estava alli e o cesto aqui: o corpo estava estendido no cesto, de mãos atadas atraz das costas, e os cabellos juntos por um pente...

— O caixão era de madeira? perguntou Anna-Maria.



A chegada do Batalhão do Minho

O transporte 'Lourenço Marques', ao atracar.

— Ehl reforquiu o jacobino n'uma risada secca por entre bafaradas de fumo, era preciso de oiro, por acaso?

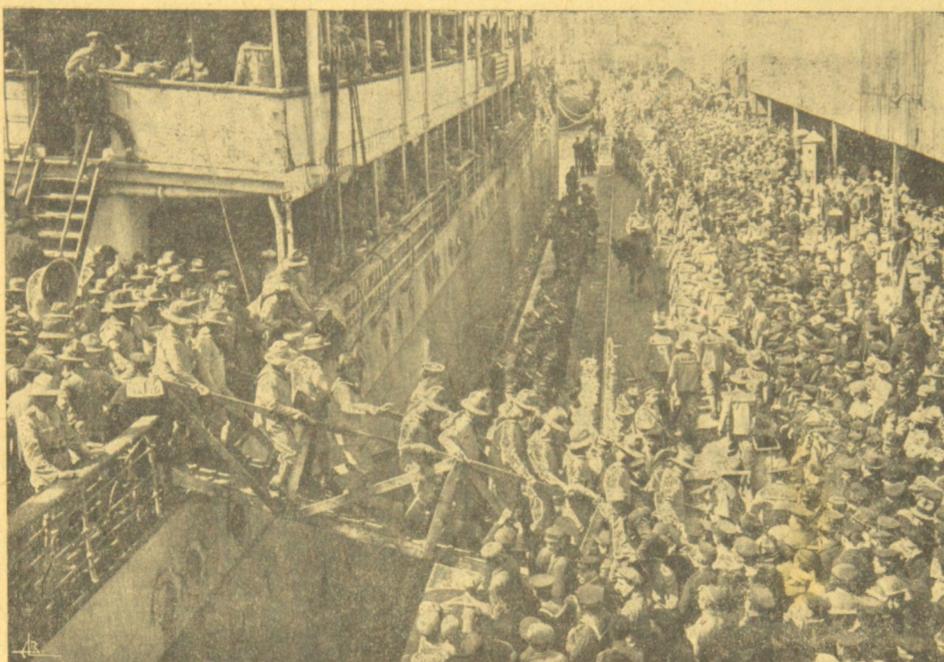
— Havia ahi, continuou o coveiro, cinco saccos de cal, deitei-a às pasádas na cova e depois mais outro que ajudava, deifamos-lhe a agua em cima, e aquillo começou a ferver. Tirei então o corpo do cesto e lancei-o no caixão; o branco da vestia já estava um pouco suja, faltavam-lhe os sapatos, e tinha os olhos abertos; juntei lhe a cabeça ao pescoço e depois, com umas cordas fiz descer o caixão á cova. Os padres, então adeantaram-se e canta-

— Conforme. Eu ca, disse elle rindo-se de novo, distingo um ariscotrata morto ou vivo, nu ou vestido. Tu, por exemplo, não és um aristocrata.

Discou um olho e accrescentou:

— É a cidadã tambem não . . .

Mulheres e creanças, achando, a porta aberta, tinham entrado no cemiterio e escutavam o coveiro, Um garoto deu uma piruêta: o coveiro indignado pol-o lá fóra. O jacobino fallou então por sua vez: assistira á execução do rei e ontava o que vira. Installara-se na primeira fila, ouvira as exhortações do padre e as



O desembarque dos marinheiros.

rolaram umas orações. Fechamos o caixão e atiramos-lhe com outra camada de cal viva. Por cima d'ella espalhamos terra e calcamol-a muitas vezes . . .

— Mas, interrompeu o jacobino,, Luiz Capêto não foi enterrado ao lado dos mortos de 10 d'agosto?

— Sim senhor, respondeu o coveiro.

— Espero que tivesses separado os Suissos dos bravos patriotas.

— Estavam nús, tanto uns como outros quando os trouxeram. Não podia diferencial'os!

respostas do condemnado . . . Anna-Maria aproximara-se d'elle; ella tambem assistira á execução real mas quase nada pudera vêr. Ao ouvir o jacobino, os sangrentos minutos d'aquella manhã reviviam na sua imaginação. Chegou mesmo a fazer duas ou tres perguntas ao jacobino que lhe respondeu amavelmente. Esta delicadeza tranquillizou-a sobre as intenções que attribuia áquelle homem, mas achava-se desolada, porque nunca o projecto, que formára, já-mais poderia ser realisado. Como collocar a cruz, á vista de tanta gente? A cruz seria logo

quebrada, e quanto a ella, que sorte lhe ficaria reservada? Entre aquellas mulheres não haveria alguma ponteadeira companheira de *sans-culotte*? E se voltasse no dia seguinte, abrir-lhe-hia o coveiro a porta?... Não! não iria em antes de cumprir o que jurara fazer. O jacobino continuava a fallar... Anna-Maria afastou-se um pouco até pisar a terra da campa. Então, caminhando ao longo da parede, contou oito passos — o signal dos sapatos, nítidos e fundos, traçava assim como uma linha recta muito visível — depois cortando no extremo, es-

E agarrando-a por um pulso:  
— Vamos, responde, ordenou elle, quem és tu? Ha tempo já que me interessas. Não tens cara de boa patriota.

Como Anna-Maria emudecesse, elle apertou-lhe o pulso tão cruelmente, que um fraco grito lhe sahiu dos labios e a pequena cruz que ella escondia, cahiu estendendo os braços sobre o logar mortuario? O jacobino chaco-teou de alegria porque possuia uma nova victimas, mas a menina via sómente a cruz deitada sobre a campa real e sorria, enquanto la-



○ desfile á saída do posto de desinfeção.

Phot. de Franco.

ta linha, por outra mais curta, contou de cada lado, trez passos.

— Eh lá, ó cidadã, gritou de repente o jacobino. Que estás tu ahí a fazer? Estás a traçar uma cruz no chão?

Anna-Maria, arripiada parou. Deante d'ella, uma cruz abria-se no chão, com effeito; nem mesmo tentou negar e, fixando sobre o jacobino um olhar candido e altivo, disse simplesmente:

— Sim, é uma cruz!

— E porque fazes tu ahí uma cruz? rosnou elle. Só os aristocratas costumam fazer d'essas coisas.

grimas de felecidade rolavam docemente sobre as suas faces. Então, nada mais tendo a desejar, disse:

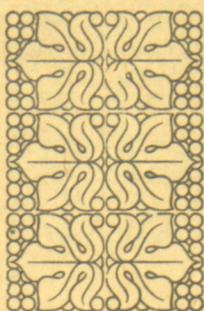
— Sou realista, chamo me Anna-Maria de Thielle e meus paes estão nas prisões de Luxemburgo!

Tres semanas mais tarde, Anna-Maria subia ao cadafalso onde a haviam precedido seu pae e sua mãe. Deus concedia-lhe a graça inestimavel de morrer no mesmo logar e da mesma morte que o seu rei!

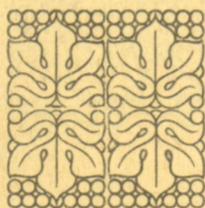
# Os delegados das potencias aliadas na Conferencia da Paz



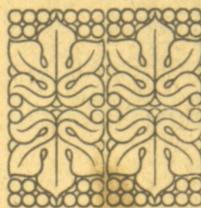
Mr. Lloyd George  
—  
Inglaterra.



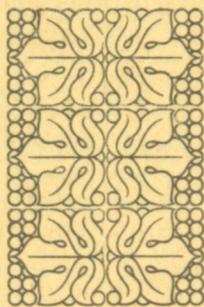
Mr. Balfour  
—  
Inglaterra.



General Smuts  
—  
Union da África do Sul.



Sir Robert Borden  
—  
Canadá.



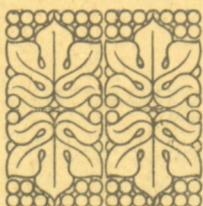
Mr. Clemenceau  
—  
França.



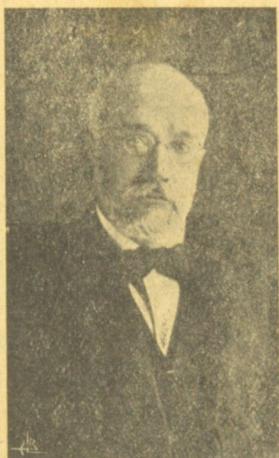
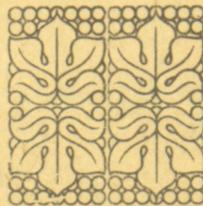
Mr. Orlando  
—  
Italia.



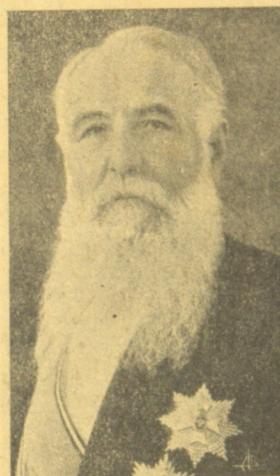
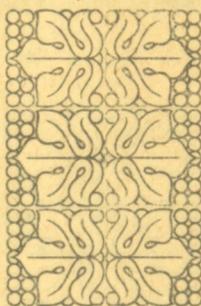
Baion de Sounino  
—  
Italia.



O representante  
do  
Japão.



Venizelos  
—  
Grecia.



Mr. Nicolás Pashitch  
—  
Servia

# Monte-Pio do Clero Secular Portuguez

Successor da Veneravel Irmandade  
dos Clerigos Pobres de Lisboa

O clérigo d'ordens sacras, que desejar alistar-se n'este Monte Pio, deve enviar ao Rev. Padre Alfredo Elviro dos Santos, morador na Avenida Fontes Pereira de Mello, 41, Lisboa, os seguintes documentos:

- 1.º Certidão de idade, devidamente reconhecida por notario.
- 2.º Dois attestados, ou declarações medicas juradas e reconhecidas por notario, em como não soffre de molestia actual, ou habitual (pallavras textuaes).—3.º Attestado, ou declaração jurada, do secretario da Camara Ecclesiastica respectiva, ou do Vigario da Vara, Arcipreste, ou Ouvidor, em como está no legitimo exercio das suas ordens, exerce o cargo de . . . e não está incurso em processo algum ecclesiastico ou civil.

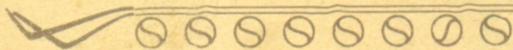
Os documentos podem ser em papel commum.

Se o clérigo residir na Archidiocese de Braga, principalmente no concelho de Braga, deve dirigir-se ao Rev. Padre Arnaldo Carlos Lamas de Oliveira, residente na rua de 5 de Outubro, n. 80, em Braga, ou ao Rev. Padre Leonel Aragão Dantas de Sousa, morador em Laranjeira, Monção, se residir no concelho de Monção; ao Rev. Padre Domingos Afonso do Paço, capellão da Misericórdia de Vianna do Castello, se residir no concelho de Vianna do Castello; ao Rev. Padre Mauuel da Costa Freitas Reis, se residir no concelho de Famalicão; ou ao Rev. Padre José Antonio de Campos Junior, parochio de S. Vicente de Aljubarrota, se residir no concelho de Alcobaça.

Os referidos Revs. Padres são socios correspondentes do Monte-Pio; prestam todos os esclarecimentos, facilitam as admissoes, recebem as quotas, pagam subsídios, etc.

Este, concede subsidio na doença, suspensão e falta de collocação; paga visitas medicas aos socios residentes em Lisboa e nas terras em que residirem 20 socios; dá 10 escudos para operações chirurgicas, ou conferencias medicas e 10 escudos para auxilio das despesas com processos ecclesiasticos ou civis; todos podem celebrar na capella do jazigo, sito na rua numero 5, do cemiterio do Alto de S. João; faculta a livraria aos socios, que a desejaram consultar; tem direito a comprar para si e para as suas familias medicamentos melhores e com abatimento de 20 p. c. nas pharmacias mutualistas de Lisboa; todos têm direito a ser sepultados ou depositados no reterido jazigo, etc.

Concede o subsidio de vinte e cinco escudos e mortalha para o funeral dos socios residentes em Lisboa, e o de vinte escudos para o funeral dos socios residentes fora de Lisboa.



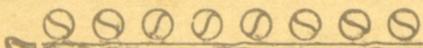
## FRIGIDEIRAS E RESTAURANTE

*Gasa do Cantinho*



Largo de S. João do Souto  
**BRAGA**

Estabelecimento mais antigo  
e acreditado n'este genero



## Collegio de S. Thomaz d'Aquino

**BRAGA**

Fundado em 1896

DIRECTOR

**Padre Manoel Joaquim Peixoto Braga**

Admitte alumnos internos, externos para o curso dos Lyceus, Commercial, e Instrucção Primaria.

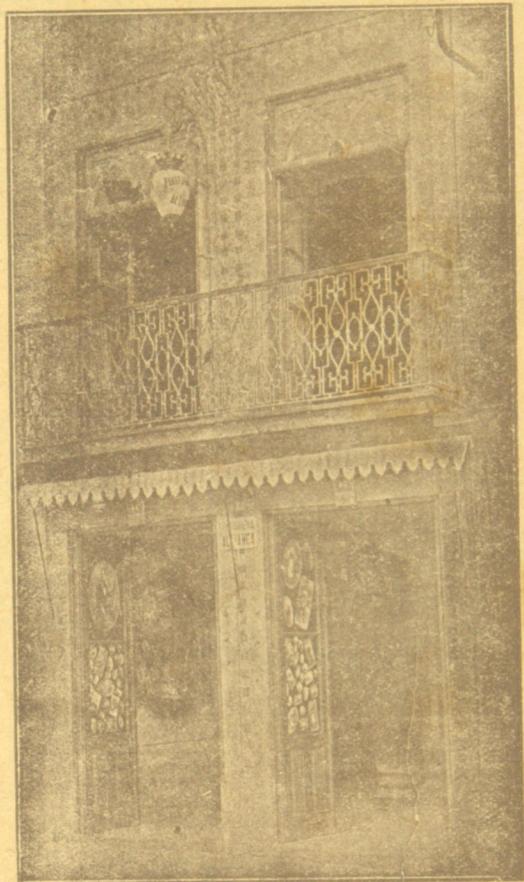
## Colégio Académico GUIMARÃES

**Campo da Misericórdia**

A casa de educação e ensino mais  
antiga desta cidade  
Bons resultados nos exames e sólida  
educação são o seu réclame.

Pedidos aos directores

*Dr. Alfredo Peixoto  
Luiz Gonzaga Pereira  
P.º José Maria dos Santos*



**PHOTOGRAPHIA ALLIANÇA**

44 Praça Alexandre Herculano, 45  
**BRAGA**